



## Melanie Matranga

Uma única carta repousa numa sala vazia:

### The World.

Tradicionalmente a última carta dos Arcanos Maiores, promete conclusão, unidade, uma sensação de chegada. Mas aqui, essa promessa parece suspensa. A carta está sozinha - um emblema de totalidade rodeado de ausência. Parece estar a faltar alguma coisa ou talvez tenha sido esquecida.

Um mundo em miniatura - plano, simbólico e insatisfatoriamente completo.

A voz de Melanie infiltra-se através das paredes - suave, cíclica, chamando como um canto de rutura.

Através de buracos de espreita, outra cena se desenrola na sala vizinha: um segundo mundo, oculto mas central para qualquer compreensão mais profunda do primeiro.

O espetador fica do lado de fora, implicado no ato de ver - um confronto mais do que uma escolha.

As luas vermelhas atravessam as paredes. O tempo não é medido pelo progresso, mas pela repetição. Cada fase regressa como um registo riscado nas paredes da prisão - contando a liberdade, ou marcando a lenta e recursiva dor da sobrevivência? A decisão cabe-nos a nós.

Um único colchão sob a bandeira palestiniana - demasiado íntimo para ser meramente simbólico, demasiado simbólico para ser ignorado. Este é o desconforto do olhar. É a impossibilidade de uma intervenção imediata. É isto que Melanie Matranga nos recorda. Sabemos que desviar o olhar nos torna cúmplices. Mas olhar é correr o risco de nos tornarmos voyeurs

- ou guardas. A observação, por si só, não é suficiente. Exige reflexão, seguida de ação.

A sala dentro da sala torna-se uma câmara selada de ecos: de traumas colectivos, de guerras internas e externas, de espera, de feridas que não cicatrizam. Mas também da vontade de mudar. Tal como o corpo fechado de Jessie em Gerald's Game, acorrentado enquanto os fantasmas do trauma se erguem - este interior está saturado de cativo: emocional, físico, político.

Voltar o olhar para The World e afastá-lo do olho mágico não oferece conforto - apenas uma sugestão arrepiante de redenção.

As fronteiras entre o interior e o exterior esbatem-se.

Queremos facilidade. Queremos apagar o desconforto.

Mas não podemos ignorar o espaço invisível, a outra camada que ressoa a partir do interior. Como a lua a puxar as marés, estes ciclos vermelhos agitam o vasto oceano do nosso subconsciente - ditando silenciosamente ritmos que fingimos não sentir.

**Mélanie Matranga** (\*1985, Marselha) vive e trabalha em Paris. A sua prática artística explora a tensão entre solidão e convívio, criando ambientes imersivos que navegam nas fronteiras ténues entre a vida pública e a vida privada. Em vez de exigir uma interpretação intelectual, as suas obras apelam a uma sintonia emocional - uma sensibilidade aos espaços onde a intimidade, a vulnerabilidade e as tensões interpessoais se desenrolam silenciosamente.

Matranga constrói atmosferas delicadas através de uma linguagem do quotidiano: materiais familiares, gestos contidos e narrativas fugazes. Trabalhando intuitivamente em vários meios - incluindo desenho, vídeo, luz, escultura e intervenções arquitectónicas - coreografa ambientes que são simultaneamente cenográficos e afectivos. Estes não são meros espaços para ver arte, mas sim habitats emocionais, onde os sentimentos se elevam mesmo abaixo da superfície e onde o pessoal e o comunitário convergem.

As suas instalações funcionam frequentemente como refúgios ambíguos - lugares onde nos podemos sentir simultaneamente expostos e invisíveis, sozinhos e, no entanto, na companhia de outros. As obras de Matranga resistem à dissolução e, em vez disso, oferecem experiências abertas em que a presença e a ausência, a auto-percepção e a saudade, o desejo e a desilusão permanecem. O resultado é uma poética subtil do espaço emocional - cenas que convidam o espectador a refletir sobre a forma como nos representamos a nós próprios, como nos relacionamos com os outros e como vivemos na vida contemporânea.

Mélanie Matranga realizou exposições individuais em instituições como Nottingham Contemporary (Reino Unido), Furiosa (Mónaco), Villa Vassiliev (Paris), Centre des Éditions Contemporaines (Genebra), Karma International (Zurique), Indipendenza Studio (Roma) e Palais de Tokyo (Paris). O seu trabalho foi também apresentado em exposições colectivas, nomeadamente na National Gallery (Praga), Le Delta Espace Culturel Provincial (Namur), Musée d'Art Moderne de Paris, Le Plateau-FRAC Île-de-France, Fondation d'entreprise Ricard e Archives Nationales (Paris).



Rua dos Caldeireiros 123  
4050-140 Porto  
Tel.: +351 935114157  
[www.kunsthallefreeport.net](http://www.kunsthallefreeport.net)

KUNSTHALLE  
FREEPORT

COM O APOIO

Porto.